

Cuidados paliativos: a insegurança dos estudantes de medicina frente à pacientes em estágios terminais de vida

Palliative care: the insecurity of medical students facing patients in terminal stages of life

Cuidados paliativos: la inseguridad de los estudiantes de medicina frente a pacientes en etapas terminales de la vida

Leila Almeida Pinto De Araújo¹, Leandro de Jesus Souza², Josieleme Lima Souza¹, Mariana Bleza de Almeida¹, Danilo Rocha Santos Caracas¹, Laura Vida Penafiel Diniz Amaral³, Nathália Castelo Branco Vieira Miranda de Carvalho³, Martha Lorem Grehs⁴, Daniel Thales Souza Santos¹, Vanessa Khouri Chalouhi Oliveira¹.

RESUMO

Objetivo: Compreender as inseguranças dos estudantes do curso de medicina acerca dos cuidados paliativos em pacientes na terminalidade da vida. **Revisão bibliográfica:** Desde a formação, o profissional médico precisa se comprometer e se capacitar em relação à preservação da vida. A presença de sofrimento dentro de ambientes com pacientes em estágios terminais afeta o profissional da saúde emocionalmente. O acadêmico de medicina, continuamente, encara situações que geram dor e angústia, o que acabam por desestruturá-lo emocionalmente. Além disso, a maior parte dos acadêmicos do curso de medicina consideram de extrema importância a adoção de conteúdos focados nos cuidados paliativos no currículo de medicina. Isso demonstra que os estudantes reconhecem a importância desse tema para além da vida acadêmica, ou seja, para as suas carreiras, e consideram essencial estar preparados, independente da área escolhida para se especializar. **Considerações finais:** Apesar dos estudantes reconhecerem a importância do estudo dos cuidados paliativos para suas carreiras, ainda se sentem despreparados quanto a maneira de encarar pacientes em estágios terminais.

Palavras-chave: Estudantes, Cuidados paliativos, Cuidados paliativos na terminalidade da vida.

ABSTRACT

Objective: To understand the insecurities of medical students about palliative care in terminally ill patients. **Review bibliographic:** Since training, the medical professional needs to be committed and trained in relation to the preservation of life. The presence of suffering within environments with patients in terminal stages affects the health professional emotionally. When acting in situations in which pain causes, the medical student is constantly exposed to suffering, which ends up emotionally destabilizing him. In addition, most medical students consider it extremely important to adopt content focused on palliative care in the medical curriculum. This demonstrates that students recognize the importance of this topic beyond academic life, that is, for their careers, and consider it essential to be prepared, regardless of the area chosen to specialize. **Final considerations:** Therefore, although students recognize the importance of studying palliative care for their careers, they still feel unprepared as to how to face terminally ill patients.

Keywords: Students, Palliative care, Hospice care.

¹ Faculdade Santo Agostinho (FASA), Vitória da Conquista - BA.

² Universidade de Rio Verde (UniRV), Formosa - GO.

³ FAHESP/IEVAP, Parnaíba - PI.

⁴ Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), Pelotas - RS.

RESUMEN

Objetivo: Comprender las inseguridades de los estudiantes de medicina sobre los cuidados paliativos en pacientes terminales. **Revisión bibliográfica:** Desde la formación, el profesional médico necesita estar comprometido y capacitado en relación a la preservación de la vida. La presencia de sufrimiento en ambientes con pacientes en etapa terminal afecta emocionalmente al profesional de la salud. Al actuar en situaciones en las que provoca dolor, el estudiante de medicina está constantemente expuesto al sufrimiento, lo que termina por desestabilizarlo emocionalmente. Además, la mayoría de los estudiantes de medicina consideran de suma importancia la adopción de contenidos centrados en los cuidados paliativos en el plan de estudios de medicina. Esto demuestra que los estudiantes reconocen la importancia de este tema más allá de la vida académica, es decir, para sus carreras, y consideran fundamental estar preparados, independientemente del área elegida para especializarse. **Consideraciones finales:** Por lo tanto, aunque los estudiantes reconocen la importancia de estudiar cuidados paliativos para sus carreras, todavía se sienten poco preparados para enfrentar a los pacientes terminales.

Palabras clave: Estudiantes, Cuidados paliativos, Cuidados paliativos al final de la vida.

INTRODUÇÃO

O conhecimento e as vivências das práticas dos cuidados paliativos pelos estudantes de medicina são fundamentais para a formação acadêmica e para a futura carreira profissional. A prática dos cuidados paliativos visa, de maneira primordial, uma melhor qualidade de vida dos pacientes que estão enfrentando doenças crônicas, ou doenças que comprometam a vida. Acredita-se que muitos estudantes de medicina encaram o fim da vida de forma negativa, e muitos acabam se distanciando do conhecimento em relação aos cuidados paliativos. Além disso, acredita-se, também, que exista uma insegurança em manejar os enfermos em fases terminais devido à falta de aprendizado durante a graduação (FRAGA CP, et al., 2021).

O médico tem o dever de orientar o paciente, sem o coagir, além de mostrar as vantagens e desvantagens de cada tratamento. O profissional médico, no campo dos cuidados paliativos, se torna um facilitador para toda a equipe, trabalhando para ajudar os familiares, mas, também o paciente terminal a exercer a sua autonomia, e isso contribuirá para que o paciente tenha dignidade nos últimos dias de vida. Desse modo quando não há mais possibilidade de cura, ainda se pode cuidar e manter uma boa relação entre pacientes e médicos (JÚNIOR LCL, et al., 2020).

Os estudantes de medicina, apesar de reconhecerem a proximidade da morte, sentem-se incapazes ao manejar um paciente em estágio terminal, pois, na maioria das vezes, preferem acreditar que para a maioria das doenças exista um tratamento com possibilidade de cura. Como reflexo disso, a angústia e a ansiedade são sentimentos que perturbam seu cotidiano, e muitos afirmam o aparecimento de sintomas depressivos apenas pelo fato de se relacionarem com tais pacientes, o que releva um grande despreparo para lidar com a morte iminente do enfermo (BRAIDE CSL, et al., 2019).

Infelizmente, a grande maioria das faculdades de medicina, no Brasil, ainda se baseiam no modelo generalista, enfatizado pelo ensinamento técnico. Apesar de existirem matérias que discutam sobre psicologia médica, ela não é abordada de forma ampla, e não está voltada para o preparo emocional dos acadêmicos para questões futuras da prática médica, como a morte. Diante dessa situação e desse despreparo acadêmico, muitos médicos recém-formados apresentam sentimentos diversos de medo, insegurança, ansiedade ao se depararem com pacientes terminais e com a morte (VASCONCELOS GB e PEREIRA PM, 2018).

Os modelos de formação médica encontrados em grande parte nas universidades ainda se baseiam no modelo generalista, focado no ensinamento técnico. Por mais que a psicologia seja discutida durante a graduação, ela não é abordada com a sua devida importância, e nem voltada para o preparo emocional do acadêmico frente a questões como a morte, sendo assim, o estudante passa a ignorá-la como meio de

proteção, e acaba enxergando família do doente e o próprio doente como mais uma doença, mais um caso, pelo olhar técnico e não empático, deixando todo o aspecto técnico sobressair sobre o emocional (BÜHL C, et al., 2019).

Além disso, é indispensável que os estudantes conheçam sobre os princípios básicos dos cuidados paliativos, desde a faculdade, para que sejam futuramente profissionais mais preparados para encarar a morte numa melhor perspectiva, com domínio, habilidade e segurança. Atualmente a medicina ainda é vista como uma ciência autoritária por parte dos médicos, em que a escuta aos pacientes e familiares é desvalorizada em relação à utilização de máquinas, “examinando ponteiros, instrumentos e monitores”, para não precisar olhar nos olhos dos pacientes. Em vista disso, os cuidados paliativos surgem numa perspectiva de atender o doente e a família, desde o momento do diagnóstico da doença, até as fases de luto vivenciadas pelos familiares (CORREIA DS, et al., 2018).

Ademais, existe uma relação proveitosa entre a aproximação de vínculos entre o estudante e o doente em estado terminal, pois possibilita enxergar o paciente além da sua doença, desenvolvendo uma visão mais humanizada. Além disso, essa interação possibilita uma nova visão sobre a vida e morte, fazendo com que os alunos consigam desenvolver um maior controle emocional para conviver com esses pacientes ao mesmo tempo que conseguem proporcionar melhorias na qualidade de vida do enfermo (ORTH LC, et al., 2020).

Assim, esse constructo tem como objetivo compreender as inseguranças dos estudantes do curso de medicina acerca dos cuidados paliativos em pacientes na terminalidade da vida.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A terminalidade da vida

A terminalidade da vida, a morte e o morrer são dilemas enfrentados constantemente tanto pelos profissionais de saúde quanto pelos estudantes de medicina. Apesar do envelhecimento ser, atualmente, um fenômeno mundial, lidar com o fato de envelhecer ainda é angustiante para uma grande parcela da população. Ainda que a morte seja um processo natural e inevitável, muitos debates surgem acerca desse tema, principalmente relacionados às doenças que estão “fora da possibilidade de cura”. A terminalidade da vida tem início quando todas as medidas de resgate da saúde do paciente já foram tomadas, mas mesmo assim a realidade da morte se torna inevitável (GASPAR RB, et al., 2019).

No cenário dos cuidados na terminalidade da vida, o conceito de “boa morte”, tem sido utilizado para caracterizar uma morte: livre de dor; que respeite todas as vontades do paciente, sejam elas verbalizadas ou registradas nas diretrizes antecipadas. No próprio domicílio, cercados pelos amigos e familiares; de evitável fatalidade e sofrimento para o paciente, sua família e o cuidador; em um ambiente em que as “pendências” do paciente estejam solucionadas e, acima de tudo, ocorrendo com uma boa relação entre paciente, família e profissionais de saúde (COSTA TNM, et al., 2020).

Um estudo realizado por Souza TC, et al. (2021) com profissionais e saúde e pacientes terminais, buscou avaliar fatores de importância na terminalidade da vida para alcançar uma morte digna. Na perspectiva dos pacientes, a maior parte relatou sobre a importância na preparação do fim da vida, ou seja, o planejamento com antecedência da sua própria morte e a fim de apoiar o prognóstico clínico. Além disso, os entrevistados demonstraram estar realizados, e enxergaram esse tempo como uma oportunidade para despedidas e para solucionar negócios inacabados.

Em outro estudo, realizado por Brito PCC, et al. (2020), todos os grupos entrevistados afirmaram que a boa relação entre os profissionais de saúde e os pacientes é de extrema importância para uma morte digna. Foi concluído que não é possível encontrar uma definição exata para a morte digna, já que é um processo individual de cada pessoa, e vai além do que é sentido pelo paciente, engloba a sua família, os cuidadores e os profissionais do cuidado, sendo um processo que precisa respeitar além da religião e dos valores, as preferências das pessoas envolvidas nesse processo. Afirmaram, ainda, que apesar da grande importância dos cuidados físicos, os cuidados psicossociais, relacionados ao paciente e à família são fundamentais.

Fica claro, portanto, que a morte e suas etapas, envolvem processos complexos baseados em dilemas bioéticos e profissionais, onde os sentimentos das pessoas envolvidas precisam ser valorizados e entendidos para que a partir disso, a dignidade seja, de fato, vivida pelo paciente terminal em sua forma mais completa. Ademais, existem três conceitos relacionados à terminalidade da vida e ao cuidado terminal, um deles é a ortotanásia, que está relacionada à questão dos cuidados paliativos, proporcionando além do alívio da dor o de outros sintomas angustiantes, não prolongando o tratamento, encarando a morte como parte da vida e uma fase que deve ser vivida de maneira digna e humana. Com a utilização de conhecimentos espirituais, tecnológicos, científicos e psicológicos que proporcionem conforto e dignidade ao paciente e aos seus familiares até os momentos finais (SOBREIRO IM, et al., 2021).

Encontrar idosos, pessoas com síndromes demenciais ou pacientes com sequelas neurológicas, está se tornando uma realidade cada vez mais rotineira nos serviços de saúde. Por isso, torna-se necessária a conscientização quanto ao cuidado oferecido a estes pacientes, a partir de soluções cabíveis para a efetivação desse plano, como: direcionamento de recursos específicos, melhora dos cuidados já existentes, além da capacitação dos profissionais para o manejo desses pacientes. Os cuidados paliativos surgem como um caminho, para implementar o cuidado ativo ao paciente (GOMES MCPA e THIOLENT M, 2018).

Cuidados Paliativos

A médica, enfermeira e assistente social Cicely Saunders, trouxe a ideia de Cuidados Paliativos como uma prática em saúde, em meados de 1960, no Reino Unido. O movimento foi iniciado numa perspectiva de oferta inicialmente de assistência ao doente, porém incluía também estudos de ensino e pesquisa. Em 1967, ocorre um marco nessa trajetória, a criação do *St. Christophers Hospice*. Em 1982, 15 anos após a criação do *St. Christophers Hospice*, o Comitê de Câncer da Organização Mundial de Saúde (OMS) apresentou um novo conceito relacionado ao alívio e manejo da dor, e à prática de cuidados do tipo *Hospice*, para pacientes oncológicos, em tratamento, e foi recomendado que essas práticas fossem implementadas por todos os países (SILVA RS, et al., 2020).

Nesse sentido, surge na medicina contemporânea o movimento *Hospice*, fundamentado na compaixão e no cuidado multidimensional do paciente e da família, por meio de estratégias que amenizem além da dor, os sintomas angustiantes, e que os confortem, ajudando-os a encarar a morte como um processo natural da existência humana e não como um fracasso. A primeira vez em que se ouviu o conceito de cuidados paliativos foi em 1990, quando a OMS publicou a seguinte definição: “Cuidado ativo e total para pacientes cuja doença não é responsiva a tratamento de cura”. O alívio da dor, além dos sintomas espirituais e biopsicossociais é de extrema importância e essencial para a dinâmica do cuidado. Cuidado Paliativo, significa, portanto, oferecer a melhor qualidade de vida possível para pacientes e familiares (VASCONCELOS GB e PEREIRA PM, 2018).

Os cuidados paliativos seguem alguns princípios, que servem para orientar a sua filosofia, ou seja, para que essa abordagem ocorra de forma efetiva é preciso entender que: a morte é um processo natural e uma parte da vida, e é preciso ter a consciência de que ela não deve ser apressada, nem adiada; é uma forma de procurar aliviar a dor e outros sintomas angustiantes, de forma a integrar aspectos sagrados e biopsicossociais relacionados ao manejo do paciente. A disponibilização de uma rede apoio multidisciplinar para auxiliar o paciente a desenvolver as suas atividades da forma mais ativa possível até a sua morte é de suma importância, além do apoio dado ao paciente é indispensável um sistema de assistência à família na vivência da terminalidade da vida e no processo do luto (WOLFF C, et al., 2021).

Uma característica muito relevante dos cuidados paliativos é a autonomia e independência do paciente, ou seja, cabe a ele decidir iniciar, continuar ou interromper essa terapêutica, uma vez que é essa uma prática que busca conforto e qualidade de vida, através do controle dos sintomas. Além disso, o tratamento paliativo deve ser iniciado o mais precocemente possível, juntamente ao tratamento curativo (BRAIDE CSL, et al., 2019).

Cuidados paliativos em doenças crônico-degenerativas

Os cuidados paliativos, primordialmente, eram direcionados à pacientes oncológicos, porém, aos poucos foi se tornando um método efetivo, que ganhou prestígio e surgiu o interesse em ofertá-los a indivíduos

portadores de outras doenças potencialmente fatais além do câncer (OLIVEIRA DAS, et al., 2019). Além disso, o câncer é uma das doenças crônico-degenerativas que mais traz reflexos para a família e para o paciente. Em detrimento do envelhecimento, a incidência e a mortalidade pelo câncer vêm crescendo em todo o mundo (SOUSA RG, 2021).

No início do tratamento do paciente oncológico, ainda existe uma forte perspectiva positiva de remissão ou cura da doença, porém, a agressividade do tratamento pode tornar esse processo psicologicamente doloroso tanto para o paciente quanto para os familiares. No entanto, com a evolução da doença para um quadro mais avançado, apesar do tratamento, é lançada mão da utilização dos cuidados paliativos, de extrema importância para o manejo dos sintomas de difícil controle, além dos elementos psicossociais associados à doença. Quando se trata de um paciente em estágio terminal, a abordagem paliativa deve garantir melhor qualidade de vida (FERREIRA LF, 2021).

Entender o significado e a aplicabilidade dos cuidados paliativos é de fundamental importância na assistência a pacientes e à família na terminalidade da vida, como nos casos dos pacientes oncológicos terminais. É nesse sentido, que se vê a necessidade do conhecimento desse tema pelos estudantes de medicina, visto que é imprescindível que esses tenham desde o processo acadêmico uma visão de cuidado holístico, individual e humanizado do paciente. É dever do profissional cuidador saber comunicar-se com o paciente e a sua família, fazer uma escuta ativa e ajudá-los a entender sentimentos e ideias, bem como compreender melhor as suas experiências (MOREIRA AS, 2019).

A importância do estudo acerca dos cuidados paliativos na formação acadêmica

Desde a formação, o profissional médico precisa se comprometer e se capacitar em relação à preservação da vida. Sua formação acadêmica está baseada na cura das enfermidades, e como reflexo disso está a sua gratificação. Assim, quando em sua rotina de trabalho precisam encarar a morte, em geral, sentem-se despreparados, pois, é muito difícil como ser humano não se envolver no sofrimento do paciente, apesar da profissão. O emocional dos profissionais que estão no tratamento com estes pacientes é muito importante, visto que sua função é manter a vida. Junto com a morte surgem sentimento de frustração, impotência e culpa, e muitas vezes o profissional se esquiva da situação como um mecanismo de defesa (BRITO PCC, et al., 2020).

De acordo com a pesquisa realizada com estudantes do 5º e 6º ano do internato de medicina em São Paulo, 61% dos alunos entrevistados não conheciam a definição de cuidados paliativos da OMS, e não se sentiam confortáveis para comunicar más notícias aos familiares e pacientes. Além disso, grande parte dos entrevistados afirmaram ainda ser necessário o aprimoramento do conhecimento para lidar com pacientes terminais. Os estudantes demonstram, também, falta de segurança para pôr em prática os conhecimentos obtidos durante a graduação, e acreditam ser benéfico aumentar a experiência em relação aos cuidados paliativos no paciente terminal a fim de uma melhor formação acadêmica e prática (JORDÁN APW e BARBOSA LNF, 2019).

Um estudo realizado com estudantes do curso de medicina, que tinha como objetivo identificar a importância da temática dos cuidados paliativos para discentes da graduação em medicina, utilizou a variável “avaliação do grau de competência acerca do manejo clínico do paciente terminal”, e mostrou os seguintes resultados: 40,3% dos pesquisados responderam que se sentem competentes para realizar o manejo de dispneia terminal, apenas sob supervisão e 38,1% afirmaram que necessitam de mais instrução básica; enquanto um número ainda maior, de 44,8% dos alunos responderam que sentem competência em manejar um paciente em delirium terminal somente sob supervisão, e 38,8% necessitam de mais instrução básica (CORREIA DS, et al., 2018)

No entanto, em outra variável, quando perguntados sobre o “pensar na morte do paciente”, a maior parte dos entrevistados relatou sentimentos de ansiedade ou desconforto (88,1%) e mais de 70% afirmaram que sentimento de apreensão em relação aos seus sentimentos frente a um paciente em iminência de morte. Sendo assim, a sensação de impotência foi relatada em 68% dos casos entrevistados (CORREIA DS, et al., 2018; COSTA TNM, et al., 2019).

Ainda em um estudo realizado na Escola de Medicina de Alpert nos Estados Unidos, foi demonstrado que menos da metade dos alunos que já tinham tido experiências com pacientes em estágios terminais. Além disso, quase 25% dos estudantes não demonstravam confiança para aliviar sintomas corriqueiros como: dor, falta de ar, náuseas e ansiedade (LEUNG SY e WONG EL, 2021).

Em um estudo transversal realizado com estudantes de medicina da Universidade Chinesa de Hong Kong (CUHK) ou da Universidade de Hong Kong (HKU), com o objetivo de investigar a confiança dos estudantes de medicina ao lidar com os cuidados paliativos foi observado que 59,4% dos alunos entrevistados afirmaram não sentir segurança na prestação de cuidados paliativos. Além disso, nesse mesmo estudo foi observado que os alunos que possuíam mais medo da morte e tinham também menor confiança. Nesse mesmo sentido, a morte de familiares e amigos foi associada a falta de confiança nesse estudo, indicando que após a morte de um ente querido, a confiança para prestar cuidados paliativos no futuro pode estar diminuída (LEUNG SY e WONG EL, 2021; DOMINGUEZ RGS, et al., 2021).

Em 2018, um estudo com dois grupos distintos de participantes, alunos iniciantes do curso de medicina e alunos do internato, demonstrou que os acadêmicos que receberam a informação apenas teórica, mas não tiveram vivências na prática clínica dos cuidados paliativos apresentam menor ansiedade diante da morte do que os que já tiveram experiências na área (MALTA R, et al., 2018).

Aliado a isso, um estudo realizado, com acadêmicos do curso de enfermagem e medicina de uma universidade pública avaliou as dificuldades na abordagem dos cuidados paliativos e da terminalidade da vida. Duas categorias foram avaliadas, 1) Desafios da comunicação em cuidados paliativos e 2) Despreparo para lidar com a morte e o morrer. Com relação a categoria 1, os participantes demonstraram insegurança para dialogar com esses indivíduos e seus familiares, além da dificuldade para lidar com suas subjetividades. Já em relação à categoria 2, foi evidenciada a inabilidade dos estudantes diante do morrer e da morte, com sentimento de incapacidade, devido à dificuldade de aceitação da finitude. Os depoimentos dos participantes revelaram insegurança e despreparo para informar e lidar com a terminalidade da vida (DOMINGUEZ RGS, et al., 2021).

Em congruência com os estudos acima, outra pesquisa realizada com acadêmicos de Medicina do sexto ano de uma escola de Medicina do Estado de Goiás, com o objetivo de identificar o nível de conhecimento dos cuidados paliativos na formação médica. Assim, demonstrou que a maior parte dos acadêmicos não se sentia preparada para lidar com a morte, bem como estes demonstraram dificuldade para lidar com a terminalidade e finitude da vida, a aceitação do fim e os erros no processo de comunicação, principalmente envolvendo más notícias. Esses sentimentos foram explicados pela falta de atividade prática e poucos estágios relacionados ao tema (PEREIRA EAL, et al., 2019).

A presença de sofrimento dentro de ambientes com pacientes em estágios terminais afeta o profissional da saúde emocionalmente. O acadêmico de medicina, continuamente, encara situações que geram dor e angústia, o que acabam por desestruturá-lo emocionalmente. As vivências durante o período de estágio acadêmico, requerem do estudante experiências que vão além do que é aprendido na graduação. Ao contrário do que muitos pensam, a formação médica ainda é baseada em procedimentos técnicos, e não são baseados na construção humana, por isso, apesar de anos de estudos teóricos, os discentes ainda se formam carentes de desenvolvimento emocional para encarar situações com elevada descarga emocional (MALTA R, et al., 2018).

A maior parte dos acadêmicos do curso de medicina consideram de extrema importância a adoção de conteúdos focados nos cuidados paliativos no currículo de medicina. Isso demonstra que os estudantes reconhecem a importância desse tema para além da vida acadêmica, ou seja, para as suas carreiras e, consideram essencial estar preparados, independente da área escolhida para exercer. Assim, entende-se que a terminalidade da vida é um assunto que gera muita insegurança nos estudantes de medicina. É visível o despreparo dos discentes do curso de medicina e dos recém-formados quanto a maneira de encarar pacientes em estágios terminais de vida (ORTH LC, et al., 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o atual modelo academicista da formação médica no Brasil, fica evidente a existência de um déficit entre a associação teórica e prática relacionada aos cuidados paliativos, visto que a grande maioria dos estudantes, do curso de medicina, apresenta sentimento de insegurança, ansiedade, impotência e medo ao se depararem com pacientes em estágios terminais da vida. Além disso, estes sentimentos não ficam restritos somente as vivências com o paciente e acabam por se estender até a família e amigos do enfermo, uma vez que além da insegurança relacionada ao manejo existe insegurança, também, em fornecer notícias difíceis. Portanto, apesar dos estudantes reconhecerem a importância do estudo dos cuidados paliativos para suas carreiras, ainda se sentem despreparados quanto a maneira de encarar pacientes em estágios terminais.

REFERÊNCIAS

1. BRAIDE CSL, et al. Avaliação do grau de conhecimento sobre cuidados paliativos e dor dos estudantes de medicina em uma faculdade particular de São Luís/MA. *Revista de Investigação Biomédica*, 2019; 10(3): 207-218.
2. BRITO PCC, et al. Reflexões sobre a Terminalidade da Vida com Acadêmicos de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2020; 44: e033.
3. BÜHL C, et al. Avaliação da inserção do módulo de cuidados paliativos na grade curricular formal de alunos de medicina da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. *Revista dos Trabalhos de Iniciação Científica da UNICAMP*, 2019; (27): 1-1.
4. CORREIA DS, et al. Cuidados paliativos: importância do tema para discentes de graduação em Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2018; 42: 78-86.
5. COSTA TNM, et al. Percepção de formandos de medicina sobre a terminalidade da vida. *Revista Bioética*, 2020; 27: 661-673.
6. DOMINGUEZ RGS, et al. Cuidados paliativos: desafios para o ensino na percepção de acadêmicos de enfermagem e medicina. *Revista Baiana de Enfermagem*, 2021; 35: e38750.
7. FRAGA CP, et al. Aspectos históricos no manejo da dor em cuidados paliativos em uma unidade de referência oncológica. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2021; 74(5): e20200761.
8. FERREIRA LF. Cuidados paliativos em um ambiente hospitalar: um relato de experiência. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 2021; 7(1): 8.
9. GASPAR RB, et al. O enfermeiro na defesa da autonomia do idoso na terminalidade da vida. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2019; 72: 1639-1645.
10. GOMES MCPA, THIOLLENT M. Cuidados Paliativos: O desafio do cuidado de idosos na terminalidade da vida. *Diálogo*, 2018; 37: 29-38.
11. JORDÁN APW, BARBOSA LNF. Espiritualidade e formação nos programas de residência em saúde de uma cidade no nordeste brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2019; 43: 82-90.
12. JÚNIOR LCL, et al. Eficácia das terapias complementares no manejo da dor oncológica em cuidados paliativos: revisão sistemática. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 2020; 28: e3377.
13. LEUNG SY, WONG EL. Assessing Medical Students' Confidence towards Provision of Palliative Care: A Cross-Sectional Study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 2021; 18(15): 1-11.
14. MALTA R, et al. Paradigma na Formação Médica: Atitudes e Conhecimentos de Acadêmicos sobre Morte e Cuidados Paliativos. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2018; 42(2): 34-44.
15. MOREIRA AS. Cuidados paliativos em pacientes oncológicos. *Archives Of Health Investigation*, 2018; 7: 14.
16. OLIVEIRA DAS, et al. Sentimentos de pacientes em cuidados paliativos sobre modificações corporais ocasionadas pelo câncer. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2019; 39: e176879.
17. ORTH LC, et al. Conhecimento do acadêmico de Medicina sobre cuidados paliativos. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2020; 43: 286-295.
18. PEREIRA EAL, et al. Identificação do Nível de Conhecimento em Cuidados Paliativos na Formação Médica em uma Escola de Medicina de Goiás. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2019; 43(4): 65-71.
19. SILVA RS, et al. Perspectiva do familiar/cuidador sobre a dor crônica no paciente em cuidados paliativos. *Enfermería Actual de Costa Rica*, 2020; 38: 18-31.
20. SOBREIRO IM, et al. Terminalidade da vida: reflexão bioética sobre a formação médica. *Revista Bioética*, 2021; 29: 323-333.
21. SOUSA RG. A enfermagem frente ao acolhimento do paciente em cuidado paliativo. *Revista Multidisciplinar de Estudos Científicos em Saúde*, 2021; 2(2): 45.
22. SOUZA TC, et al. Necessidades da família do paciente crítico em terminalidade de vida. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, 2021; 95(36): 1-12.
23. VASCONCELOS GB, PEREIRA PM. Cuidados paliativos em atenção domiciliar: uma revisão bibliográfica. *Revista de Administração em Saúde*, 2018; 18(70): 1-18.
24. WOLFF C, et al. O trabalho multiprofissional nos cuidados paliativos: um diálogo entre a medicina funcional integrativa e a atenção psicológica. *Revista Eletrônica Acervo Científico*, 2021; 39: e9459.